

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO RACIAL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO COM FUNCIONÁRIOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Nathan Rodrigues Costa¹
Cássio Alves Mendes²
Rodrigo Siqueira Câmara³
rodrigoasd@bol.com.br

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

O Brasil é um país onde se estima que haja umas das maiores populações negras no mundo, originado da comercialização de escravos africanos em meados de 1501. Reconhecer a identidade afro-brasileira no território brasileiro é um desenvolvimento árduo e penoso, pois buscando todo o contexto histórico-social da origem do negro nesse aspecto, e observando os exemplos de conquistas para com a representação social e a liberdade de expressão de sua cultura, não são expostos, sendo considerado inaceitáveis. Através da educação podemos reverter a situação hereditária no país por meio da aprendizagem nas escolas, podemos entender então que o sujeito se desenvolve no meio cultural que é inserido desde a infância se relacionando socialmente e assim construindo conhecimento. Assim o presente artigo tem como principal objetivo expor a necessidade de discutir a educação racial no âmbito escolar, como forma de construção de sujeitos que se respeitem independente de raça ou religião e contexto social. O conteúdo desta pesquisa é qualitativa e quantitativa e tem o objetivo de avaliar como a escola aborda o racismo.

PALAVRAS-CHAVE: educação racial; educação inclusiva; psicologia escolar e educacional.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país onde se estima que haja umas das maiores populações negras no mundo, originado da comercialização de escravos africanos em meados de 1501. Segundo OLIVEIRA (2004), reconhecer a identidade Afro Brasileira no território Brasileiro é um desenvolvimento árduo e penoso, pois buscando todo o contexto histórico-social da origem do negro nesse aspecto, e observando os exemplos de conquistas para com a representação social e a liberdade de expressão de sua cultura, não são expostos, sendo considerado inaceitáveis.

Assim ao longo da história, a sociedade foi construída com ideologias preconceituosas e racistas. Foi preciso mudar esse conceito de que a descendência afro é de baixo valor, conceito este que está enraizado em nossa cultura. É

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Univértix.

² Acadêmico do curso de Psicologia da Univértix.

³ Psicólogo e Mestre em Psicologia pela UFSJ – Professor da Faculdade Univértix.

necessário que se transpasse a rica influência da cultura e descendência africana dentro da contextualização em que o país se insere. Através da educação podemos reverter a situação herdada no país por meio da aprendizagem nas escolas, em consonância com a teoria do psicólogo Vygotsky. De acordo Schroeder (2007, p. 295):

A teoria, desenvolvida por Vygotsky, defende que o desenvolvimento humano se dá na relação sujeito ↔ natureza, mas com a emergência da consciência, um fenômeno que caracteriza o humano e que é social e cultural.

Podemos entender então que o sujeito se desenvolve no meio cultural que é inserido desde a infância se relacionando socialmente e assim construindo conhecimento. No contexto escolar seria necessário que os profissionais da educação aplicassem a importância da história Afro-Brasileira desde o início da aprendizagem. Sabemos que somos constituídos em uma sociedade já preconceituosa, e é claro que grande parte da população não tem o conhecimento da temática aqui abordada, considerando que a escola não possui um compromisso somente com os alunos, mas essencialmente também com os pais e responsáveis, a escola faz parte do conjunto de políticas públicas na qual tem o dever de trabalhar com a comunidade em que ali se insere promovendo informações que capacitam no desenvolvimento de aprendizagem dos alunos. O que está de concordância com o que afirma Antunes (2008, p. 473):

A educação que aqui se afirma é uma educação rigorosa e amplamente democrática, que deve ser acessível a todos e que não transige na defesa desse princípio.

Discutiremos essa educação sócio histórica que tanto poderia contribuir para a autonomia individual do sujeito viabilizando uma aprendizagem inicial até sua formação. Em meio ao processo o indivíduo construirá empoderamento, aceitação, e principalmente conhecimento para uma total militância em prol da transformação da sociedade racista. Embora não seja uma proposta nova na educação brasileira, existe lei que regulamenta a aplicação da determinada intervenção educacional escolar, como já havemos discorrido aqui, não muito discutida nas escolas e tão pouco na sociedade. Segundo Kraauss, (2010), mesmo com ensino da História do Brasil colonial, a imagem daqueles negros é apresentados como escravos, submissos, desprezados por sua etnia, aquilo que devemos que ter dó ou pena. Um olhar este que traz um preconceito cultural onde os materiais pedagógicos, usados

por esses profissionais sem possuir algum valor sociocultural dos afrodescendentes, sendo ministrados de forma opcional, construindo para aqueles que aprendam uma imagem exaltada do branco colonizador além de ter a vantagem de ser o abolidor da escravidão sem contestar a luta de resistência à escravidão sofrida pelos antepassados africanos.

Assim o presente artigo teve como principal objetivo expor a necessidade de discutir a educação racial no âmbito escolar, como forma de construção de sujeitos que se respeitem independente de raça ou religião e contexto social. E para a elaboração desta proposta foi constituído com base em um estágio supervisionado, realizado em uma escola estadual de ensino fundamental I, na qual exercendo uma observação participante foi possível analisar a situação decorrente ao tema deste artigo. Foram levantados dados que indagam a questionamento envolvendo pontos de reflexão situados a educação, as relações sociais, a capacitação e formação profissional do docente e equipe escolar.

Para a ferramenta de investigação do ensino da educação racial e de como é abordado na aprendizagem, os resultados obtidos foram coletados por um questionário e foi feita uma análise qualitativa e quantitativa através da qual foi possível tensionar a forma de como profissionais ligados a educação lidam com o tema proposto de acordo com a realidade do seu ambiente de trabalho. Essa pesquisa tem o objetivo de levar o leitor a entender que a sociedade mesmo sem prever, consegue criar sujeitos em construção a reproduzir ideologias que classificam negativamente pessoas, gerando a intolerância nas relações interpessoais, podemos exemplificar segundo Fernandes (2005, p.379):

Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços.

Com a uma reflexão adequada sobre essa questão, podemos desenvolver uma perspectiva de melhor ensino situando a abordagem racial como transformação de sujeitos que possam ter consciência e aceitação em sociedade, diminuindo o impacto negativo sobre seu desempenho escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A importância da implementação da educação racial nas escolas como formação de carácter e respeito dos sujeitos durante o seu processo de aprendizagem, levamos em consideração as palavras de Vygotsky como havemos antes, a construção do sujeito é desenvolvida através da relação entre sujeito é o meio em que se insere. Assim segundo Coelho (2012), desde o nascimento da criança a aprendizagem e o desenvolvimento se relacionam mutuamente, o ambiente social e físico potencializa no conhecimento das crianças uma maneira na qual são introduzidas na escola já com um conjunto de saber conquistado. Deste modo a instituição educacional inicia uma adaptação de conhecimentos à criança, acarretando em uma duplicação de saberes, os que são de experiências vividas nos momentos iniciais do desenvolvimento humano e os de experiências no âmbito escolar com metodologias científicas e antropológicas com aquilo que precisamente é necessário um mediador já que possui o papel metodológico. De acordo com Coelho (2012, p.149):

A escola tem papel fundamental na formação dos conceitos científicos, proporcionando à criança um conhecimento sistemático de algo que não está associado a sua vivência direta principalmente na fase de amadurecimento.

Se tratando da temática racial, podemos compreender o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Federal nº 8.069/90 no art. 58 (ECA, 1993), o direito ter acesso a uma educação que respeite os valores culturais, históricos e artísticos conforme o contexto social dos mesmos em processo educacional, os possibilitando autonomia utópica e aquisição a fundamentos culturais. Esta lei trata-se da intervenção social e justa que deve ser atribuído as crianças e adolescentes que reside na nação, na qual se propõe a uma proteção integral reivindicando direitos humanos de acordo com sua faixa etária, com apoio do poder público, comunidade e da família, sustentar direitos em que se discorrendo a este trabalho priorizamos a educação com base nos valores culturais e históricos do sujeito em processo de aprendizagem educacional.

Sabemos que a lei se apoia a família e a comunidade que não deixa de ser uma ferramenta de intervenção na vida do sujeito porém devemos destacar que a escola como uma política pública é o alvo principal para a efetuação, objetivando então de acordo com Brasil (2013), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9.394/96 foi remodelado que resulta a Lei nº10.639 sendo exigido lecionar a história e cultura africana e afro-brasileira, assim tal finalidade no

Brasil o processo educacional terá gradações, motivando a igualdade racial no dia a dia:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003, Lei nº10.639).

Com a proposta em questão, poderá se desenvolver o processo de educação inclusiva conforme Rosa (2016), isso ativa no sujeito o seu máximo, dando lugar o uso do seu inventário e fantasia em anseio de distinta resolução das problemáticas ocorridas no cotidiano em meio as aulas, obtendo como seio entendimentos atuais a comprimento do carácter do ser humano. Fato que desperta a busca por mais conhecimento histórico do aluno produzindo status ponderado a relações sociais, fortificando a sua defesa a certas opressões da sociedade, contudo gerando respeito abolindo a força bruta e promovendo saúde mental. Podemos destacar como forte apoio no processo desta educação, o profissional de psicologia educacional e escolar pois através deles existem toda ferramenta necessária para tal desenvoltura tanto ao aluno quanto aos profissionais docentes e equipe técnica da instituição escolar.

Ao apontar a atuação do psicólogo escolar é impossível pensar na prática de forma visível, isso se dá por ser uma profissão recente no Brasil contando com o olhar generalizado de que o psicólogo é clínico, no quesito de tratar transtornos mentais, mas que se buscarmos historicamente, a aparição da psicologia educacional e escolar, pode se entender que surgiu por exatamente criticar essa visão. Deste modo o psicólogo escolar está disposto a atuar de forma múltipla atendendo as demandas que no contexto deste trabalho seria a promoção da educação racial como forma de conscientização, trabalho que se envolve uma investigação em observação participativa na comunidade em que a escola se localiza. Vejamos conforme Mitjans Martinez (2003) apud Oliveira (2009) define a Psicologia Escolar:

um campo de atuação profissional do psicólogo (eventualmente de produção científica) caracterizado pela utilização da Psicologia no contexto escolar, com o objetivo de contribuir para otimizar o processo educativo, entendido este como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade. (OLIVEIRA, 2009, p. 652).

Portanto analisando as intervenções pedagógicas, reuniões de pais, ou seja, procurar conhecer o ambiente para uma total promoção e prevenção atribuindo todas relações sociais que constitui a escola.

3. METODOLOGIA

Ao longo do processo de desenvolvimento deste trabalho obteve-se informações através de uma experiência de estágio básico, na qual foram coletados dados por meio de observação participante, que aconteceram em uma instituição escolar estadual, tendo uma carga horária total de 40 horas. O total de horas é o resultado de 10 visitas realizadas entre os meses de abril e junho de 2019. A escola está localizada na cidade de Matipó, na Zona da Mata Mineira inserida no centro da cidade, onde atende crianças para o nível fundamental 1 – ciclos de escolaridade Alfabetização de 3 anos e complementar 2 anos. A escola agrega alunos de todos os bairros da cidade desde do mais distante da instituição ao mais próximo, contendo uma área grande com conceitos abertos para refeição dos alunos, espaço para educação física e eventos.

O presente artigo foi fundamentado teoricamente em pesquisa de artigos consultados na íntegra como o Google acadêmico, Scielo e periódicos científicos. O conteúdo desta pesquisa é qualitativa e quantitativa e tem o objetivo de avaliar como a escola aborda o racismo. Para a realização da parte quantitativa, foi aplicado um questionário a 12 funcionários, para a preparação da análise foi utilizado um questionário em modelo de entrevista fechada que ajuda elaborar um diagnóstico referente aos professores e à equipe, sobre a realidade do ambiente escolar identificando as questões raciais e de como são abordadas na instituição. Os respondentes dos questionários, funcionários da escola, contribuíram de livre vontade, considerando que o processo seria de forma anônima para pesquisa acadêmica. Este questionário teve como objetivo identificar os diferentes momentos em que cada um desses funcionários se encontra em relação às questões raciais.

O questionário utilizado, adaptado de Rocha (2004), compõe-se de 16 questões que indagam o respondente a refletir sobre a realidade do seu espaço de trabalho no que diz respeito às questões raciais. Ele identifica as fases em que a instituição se encontra em processo de educação racial considerando a abordagem do racismo. Assim, temos as seguintes fases: individualidade, negação, avanço e

reconhecimento como etapas em uma relação mais adequada com o problema do racismo, em ordem crescente (melhor relação com as questões raciais).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

. Para a composição da pesquisa obtive a contribuição voluntária de 12 funcionários onde consta-se 10 na área docente e 2 da direção da instituição escolar do horário Matutino, as informações foram anônimas usando apenas o sexo, idade e disciplinas do profissional atuante. Os participantes que se disponibilizaram eram de 30 a 60 anos de idade, a tabela 1 expõe a porcentagem de suas faixas etárias. Dentre eles cada um possui formação acadêmica relacionada a área da educação, podendo então ter uma consciência ampliada da realidade do seu ambiente de trabalho e sua atuação profissional.

Tabela 1: Quantidade e porcentagem de participantes por faixa etária

Faixa Etária	Quantidade	Porcentagem
30-40	2	16,67%
40-50	3	25,00%
50-60	6	50,00%
Acima de 60	1	8,33%
Total	12	100%

Fonte: Elaborado pelos autores

Percebe-se que a maior parte dos funcionários estão entre 50 a 60 anos de idade com 50%, assim se espera que com os anos de experiência na atuação, todos eles tenham muito tempo de serviços prestados a educação, tendo adquirido uma análise da sua prática reformulando os modos de lecionar ou informações sobre a importância do ensino da educação racial. Ter o domínio da História Afro – Brasileira e Cultura Africana é uma ferramenta essencial para a manejar a forma de pensamento do aluno como construção de conhecimento de identidades e cultura, na transformação de sujeitos que aceite as diferenças e que principalmente respeite.

No gráfico a seguir, temos as informações a respeito dos resultados obtidos do questionário utilizado, nele podemos destacar fases em que a instituição se encontra em processo de educação racial considerando a abordagem do racismo. A

pesquisa se mostra qualitativa pois busca interpretar hipoteticamente a posição da escola através da ótica do funcionário, e quantitativa pois para cada opção marcada há um resultado que efetua uma somatória, indicando a fase que este pesquisado se encontra. Assim, temos as seguintes fases: individualidade, negação, avanço e reconhecimento como etapas em uma relação mais adequada com o problema do racismo, em ordem crescente de melhoria. Estes resultados estão expostos na Figura 1, que se apresenta abaixo:

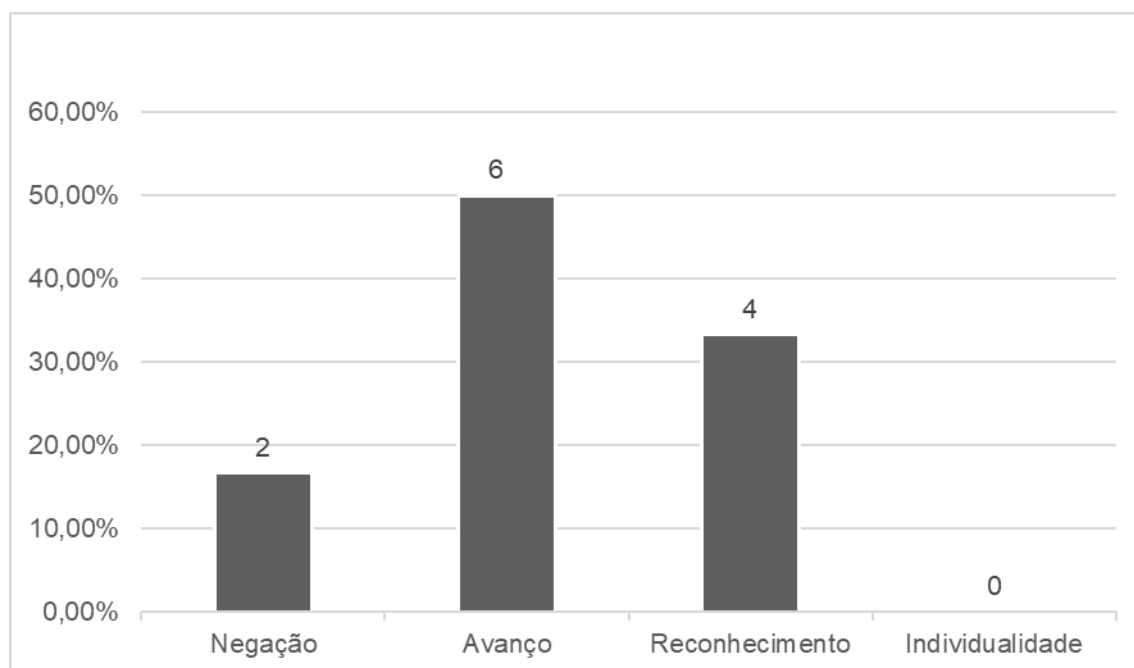


Figura 1. Quantidade de professores em relação às fases na abordagem do racismo

Fonte: Elaborado pelos autores

Pode se notar porcentagens para cada fase, nelas se concentram a quantidade de funcionários que responderam, a partir dos resultados pode se separar as pontuações que se aproximam a cada uma dessas fases. Iniciando com 0.00% na fase de individualidade, podemos exemplificar essa fase onde o racismo é censurado, a instituição possui um estado cético quanto a discriminação, mesmo em meio a diversas etnias a questão é desvalorizada, levando os alunos a um desperdício em relação a valores para uma vivência saudável em sociedade. Portanto é possível compreender que todos os funcionários têm ciência do assunto discutido, o que é menos preocupante para um trabalho futuro. Assim logo em diante com a fase de negação 16.67% ainda que estes funcionários contrapõem a realidade do racismo na comunidade e no local escolar, a ideia vai surgindo aos poucos em discussão.

Sendo assim a cultura negra é considerado como assuntos a serem levantados no ensino do folclore, a história não é dita em figura de luta pela igualdade e respeito social, dessa forma atenuando essa condição, o ensino é proposto pelos funcionários no dia da abolição da escravatura e no dia da consciência negra. Assim,

Quando se trata de abordar a cultura dessas minorias, ela é vista de forma folclorizada e pitoresca, como mero legado deixado por índios e negros, mas dando-se ao europeu a condição de portador de uma “cultura superior e civilizada”. (FERNANDES, 2005, p.380).

Embora identificando tais funcionários no quesito negação, ainda são a minoria pois observando o gráfico a uma quantidade de 2 funcionários e buscando a faixa etária percebo que são os funcionários mais novos dessa categoria pesquisada onde se encontram entre 30 e 40 anos de idade. É curioso se deparar com funcionários jovens na área da educação nessa qualificação, pois se espera um profissional recente na educação com uma formação aprimorada para determinados assuntos como este aqui retratado. Para Coelho (2013, p. 213):

Um dado importante é que grande parte dos trabalhos direciona-se a temática do currículo e formação de professores em seus aspectos mais gerais, ficando em segundo plano a questão racial na perspectiva de ações afirmativas²² e/ou enquanto movimento social, cultural e político.

Assim pode – se entender que não se torna apenas uma falha do profissional, mas essencialmente ligado ao seu processo de formação, que deixa os assuntos raciais na perspectiva de um ensino de datas ou momentos específicos. Dando continuidade as análises do gráfico, através dos resultados coletados são perceptivas como as questões raciais vão crescendo na escola e em meios aos funcionários, podendo assim chegar a fase de reconhecimento, obtendo 33.33% de funcionários que compreende a importância da implementação do ensino racial na escola, em busca de mudanças ideológicas no ambiente escolar, combatendo o racismo e a discriminação racial, segundo aqueles que se encontram nesta fase a aprendizagem da diversidade étnica é ensinada aos alunos em suas vivências. Mesmo atingindo pequena amostra em reconhecimento, a escola demonstra está no caminho certo, relacionando com a faixa etária evidenciamos profissionais entre 40 a 50 anos, observa-se uma progressão conforme o avanço da idade os pesquisados se tornam mais cientes do assunto. Analisando os resultados e assimilando as minhas experiências enquanto ex estudante da situada escola, me surpreendo com o fato de professores mais novos estarem desligados do assunto e os mais velhos

por terem se formado a bastante tempo, estarem compreendendo com mais profundidade, entende – se que a formação acadêmica nos dias atuais é acarretada de informações que anos atrás estes professores maduros não possuíam. Segundo Fernandes (2005, p. 384):

Um dos gargalos do sistema educacional brasileiro reside na qualificação do corpo docente, sobretudo os que exercem o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental. Esses professores, na sua grande maioria de formação polivalente e sem curso superior, precisam estar habilitados a trabalhar com essa nova temática curricular.

Tal avanço é notado no gráfico a maior parte se encontra na fase de avanço, concentrando 50.00% de funcionários, sendo que a maior parte deles se encontra entre 50 a 60 anos de idade. Visualizando já a devida fase reconhecemos tal significado de evolução, de maneira exemplificada a inserção destes profissionais nesta opção nos mostra que a escola se constitui democraticamente na educação racial, usando técnicas pedagógicas para o trabalho feito na instituição valorizando os diversos grupos coletivos. Afirmando que os alunos negros se orgulham de sua identidade na promoção de auto aceitação e saúde mental, vivendo em respeito com suas diferenças entendendo que nenhum deles é maior ou menor diante a questões raciais.

Mediante as minhas experiências vividas em observação participante presumo que há uma possibilidade de alguns do corpo docente estar em fase de avanço, na medida que atuam individualmente, como se pode notar a maioria são funcionários com anos de experiências escolares, que mesmo não explorando em sua época de formação, tais aspectos da educação racial, ao longo tempo docente a atuação fez com que as suas práticas reconheça a necessidade de avanço. Classificando de forma geral a devida instituição, pode se dizer que ainda há muito a ser trabalhado, colocando melhor a escola em fase de negação e reconhecimento na qual se encaixa em comparações com as observações participantes. Pinto (2013) esclarece uns dos aspectos a serem a trabalhos como:

Há também as dificuldades de ordem pedagógica e organizacional que se agravam no caso de um tema que, para muitos professores, deve ter uma abordagem multidisciplinar. (PINTO, p 220, 2013)

Em relação a educação racial é pouco mencionado nas atividades da escola, em meio a conversas com professores a maioria citam usar a temática apenas em datas necessárias como folclore, dia da abolição da escravatura e consciência negra, na qual pude constar analisando o plano político pedagógico da instituição.

Em observações de alunos no momento recreativo as crianças negras se mostram mais distantes de grupos, onde se encontra sempre sozinhas ou em conflitos situados a bullying, ao cabelo crespo e até a forma de como estão vestidas, é nítido que grande parte dos alunos negros vem de uma vulnerabilidade social devido a simplicidade de suas roupas, materiais escolares etc. Portanto o principal motivo da utilização dessa pesquisa no uso do questionário, além de identificar abordagem racial é também uma forma de deixar uma reflexão perspectiva futura pois com esta prática faz com que o docente revise seu desempenho a partir de sua experiência e formação, produzindo uma autoanálise da sua atuação e possibilitando na capacidade de qualificação em sua formação acadêmica de acordo com Pereira (2008) por Krauss (2010) diz:

Esse exercício implica que o(a) professor(a) renove seus conhecimentos necessários na sua formação acadêmica, sendo capaz de avaliá-los na sua prática docente, constituindo um universo de significados e reflexões que possibilitem nas diversas situações da ação pedagógica, compreender, problematizar, propor atividades e assumir posturas fundamentais com seus alunos, permitindo-lhes um melhor entendimento sobre o valor da pluralidade cultural e da convivência pacífica na sociedade –apesar de não estar imerso de conflitos, e sim constituindo interações e convivências não-racistas (PEREIRA, 2008, p. 26 apud KRAUSS, 2010, pp. 862-863)

Não trata – se de um caça ao culpado e sim de uma esperança em transformar sujeitos que se desenvolvam como sociedade harmônica, em busca de um futuro de igualdade e respeito, sabendo que a escola é aquela que prepara pessoas para a vida profissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta experiência de estágio, pude perceber a tamanha importância das questões psicológicas nas escolas, com uma observação participativa acompanhei de perto que sem um apoio profissional de psicologia tanto no desenvolvimento educativo quanto na equipe que constitui o funcionamento, o processo se torna dificultoso, onde a comunicação com a comunidade e familiares se torna relações rasas não havendo produtividade.

Em se tratando da temática do trabalho apresentado, posso considerar que a atenção ao ensino da educação racial só será possível com um senso crítico na qual viabilizara num trabalho conjunto entre comunidade, famílias e todos os constituintes da instituição, para uma total transformação social de forma em que todos reflitam e aprendam que a escola é a base da constituição do sujeito para a carreira que for

seguir, desde que mantenha o conhecimento de sua identidade para a defesa de seus direitos e quem sabe assim uma sociedade sem preconceitos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 57-60, 2004.

SCHROEDER, Edson. Conceitos espontâneos e conceitos científicos: o processo da construção conceitual em Vygotsky. **Atos de pesquisa em educação**, v. 2, n. 2, p. 293-318, 2007.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 2, p. 469-475, 2008.

KRAUSS, Juliana Souza; DA ROSA, Julio César. A importância da temática de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas. **Antíteses**, v. 3, n. 6, p. 857-878, 2010.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cad. Cedes, Campinas**, v. 25, n. 67, p. 378-388, 2005.

ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente. **Direitos da criança e do adolescente**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1993.

BRASIL. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 de junho de 2019.

MARTINEZ, Albertina Mitjans. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 1, p. 169-177, 2009.

MATTOS, Laura Kemp de; NUERNBERG, Adriano Henrique. A intervenção do psicólogo em contextos de educação especial na grande Florianópolis. **Rev. bras. educ. espec**, v. 16, n. 2, p. 197-214, 2010.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; DE NAZARÉ SILVA, Rosângela Maria. Relações raciais e educação: o estado da arte. **Revista Teias**, v. 14, n. 31, p. 26, 2013.

PINTO, Regina Pahim. Diferenças étnico-raciais e formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, n. 108, p. 199-231, 2013.

ISSN -21787301



ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque pedagógico afro-brasileiro.**
Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.